

Análise textual de discursos sobre Lampião e seu bando de cangaceiros: continuidade textual e construção de representações discursivas

Textual analysis of discourses on Lampião and his band of outlaws: textual continuity and the construction of discursive representations

Ananias Agostinho da Silva*

ananciasgpet@yahoo.com.br

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

RESUMO: O presente artigo analisa o funcionamento de ligações semânticas (de significado) em uma notícia publicada na década de vinte do século passado (1927), no jornal *O mossoroense*, sobre a invasão do bando de cangaceiros de Lampião à cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte. Segue de perto, para análise do texto, a proposta elaborada por Adam ([2008]2011) de uma Análise textual dos discursos. Busca observar como determinadas operações de ligação semântica de unidades textuais de base asseguram a continuidade textual na notícia analisada e instauram a construção de representações discursivas sobre *Lampião e seu bando de cangaceiros* naquele texto, tendo em vista o episódio narrado.

PALAVRAS-CHAVE: Continuidade textual. Representações discursivas. Lampião. Bando de cangaceiros.

ABSTRACT: This article analyzes the operation of semantic connections (meaning) in a news report published in the 1920s, more specifically in 1927, in the newspaper *O mossoroense*. It was about the invasion of Lampião's band of outlaws into the city of Mossoró, in the state of Rio Grande do Norte. The analysis of the text will be closely based on the proposal developed by Adam ([2008] 2011) for a textual analysis of discourses. This article seeks to observe how semantic connection operations of text-based units ensure the textual continuity of the analyzed news report and establish the construction of discursive representations of Lampião and his band of outlaws in view of the narrated episode.

KEYWORDS: Textual continuity. Discursive representations. Lampião. Band of outlaws.

* Doutorando em Estudos da Linguagem, na área de Estudos Linguísticos do Texto, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Letras, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Professor de Linguística do curso de Letras do *Campus Avançado de Patu (CAP)*, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Membro do Grupo de Pesquisa em Análise Textual dos Discursos, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Introdução

Desde a década de noventa do século passado, o linguista francês Jean-Michel Adam tem se empenhado em estudar aspectos relacionados ao funcionamento dos textos, tendo em vista as suas diversas esferas de circulação. É notadamente reconhecido, especialmente nos grupos de pesquisa em análise de texto e de discurso do ocidente, o trabalho do autor sobre as sequências tipológicas constituintes de um texto. Na verdade, não seria exagero dizer que a maioria dos estudos sobre sequências textuais, sejam eles de caráter teórico, de cunho aplicado ou mesmo de finalidade didática, recorrem ainda ao trabalho de Adam (1992) para sua fundamentação. Trata-se, pois, de um trabalho fundador e de relevante importância para essa discussão no campo dos estudos do texto e do discurso.

Mais recentemente, Adam ([2008]2011) empenhou-se em sistematizar e ampliar seus trabalhos anteriores, inclusive sobre as sequências (1992), empreendendo esforços para propor um novo modelo teórico-metodológico de análise de textos e de discursos. A proposta elaborada pelo autor, denominada de *Análise textual dos discursos*, agrega conceitos oriundos da Análise do Discurso e da Linguística Textual para análise empírica de textos concretos. Ao articular conceitos dessas duas áreas, o autor sugere uma análise mais abrangente e, portanto, satisfatória do texto e do discurso, dando conta, assim, na análise proposta, tanto dos elementos estruturais do texto (Linguística Textual) quanto das condições socioculturais para a construção de sentido do texto (Análise do Discurso).

Neste artigo, de um modo geral, seguiremos de perto a proposta elaborada por Adam ([2008]2011) para analisar discursos sobre Lampião e seu bando de cangaceiros materializados em uma notícia do jornal *O mossoroense*, publicada na década de vinte do século passado (1927), de quando da invasão do bando à cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte, em treze de junho daquele ano. De modo específico, pretendemos, nas análises aqui empreendidas, observar como determinadas operações de ligações semânticas de unidades textuais de base asseguram a continuidade textual na notícia analisada e instauram a construção de

representações discursivas sobre *Lampião* e seu *bando de cangaceiros* naquele texto, tendo em vista o episódio narrado.

1 Análise textual dos discursos

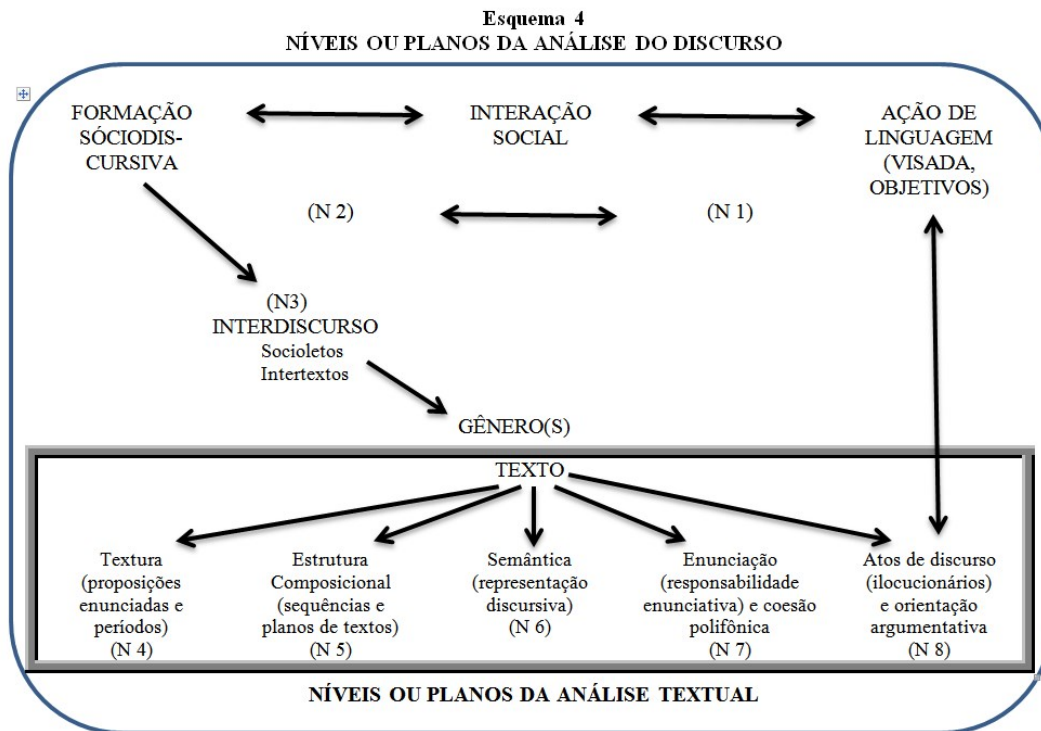
Como enunciado na introdução deste trabalho, a Análise textual dos discursos, proposta por Adam ([2008]2011), surge como uma tentativa de articulação entre categorias de análise do texto e do discurso para responder à demanda de propostas concretas para a análise de textos. O autor sugere “[...] pensar o texto e o discurso em novas categorias, situando decididamente a Linguística Textual no quadro mais amplo da Análise do Discurso” (ADAM, 2011, p. 24). Entende, pois, o texto como um objeto empírico tão complexo que somente uma teoria desse objeto e de suas relações com o domínio mais vasto do discurso em geral poderia permitir uma maior compreensão acerca do objeto texto e de sua complexidade.

Entretanto, esclarece o autor que a Linguística Textual deve ser entendida aqui como uma corrente desvinculada da Gramática do Texto, e a Análise de Discurso como uma linha emancipada da análise de discurso de orientação francesa. Adam (2011[2008]) postula, pois, ao mesmo tempo, uma separação e uma complementaridade das tarefas e dos objetos da Linguística Textual e da Análise de Discurso: de um lado, a Análise de Discurso se interessa pelo funcionamento comunicativo do texto, desde as regulações procedentes da língua, do tipo de discurso e do gênero específico que impõe ao texto determinadas convenções ou prescrições temáticas, composicionais, enunciativas ou estilísticas. Por outro lado, a Linguística Textual ocupa-se das regulações que dirigem as operações de encadeamento e de segmentação das proposições, dos períodos e das sequências que compõem o texto.

Esses elementos são arranjados pelo autor em um esquema (*Esquema 04 – Níveis ou planos de análise*) que segmenta a proposta de análise em dois planos: o plano textual e o plano discursivo. Esses dois planos articulam níveis de análise textual (textura, estrutura composicional, semântica, enunciação e atos de discurso – no âmbito da Linguística Textual) e níveis de análise do discurso (ação, interação social, formação discursiva e interdiscurso – pertencentes à Análise de Discurso).

Tratam-se, portanto, de oito níveis de análise distintos, mas complementares, que devem ser considerados na análise textual de discursos, conforme se pode perceber no esquema reproduzido a seguir.

Figura 1: Esquema 4 – Níveis ou planos de discurso



Fonte: Esquema a partir de Adam ([2008]2011, p. 61).

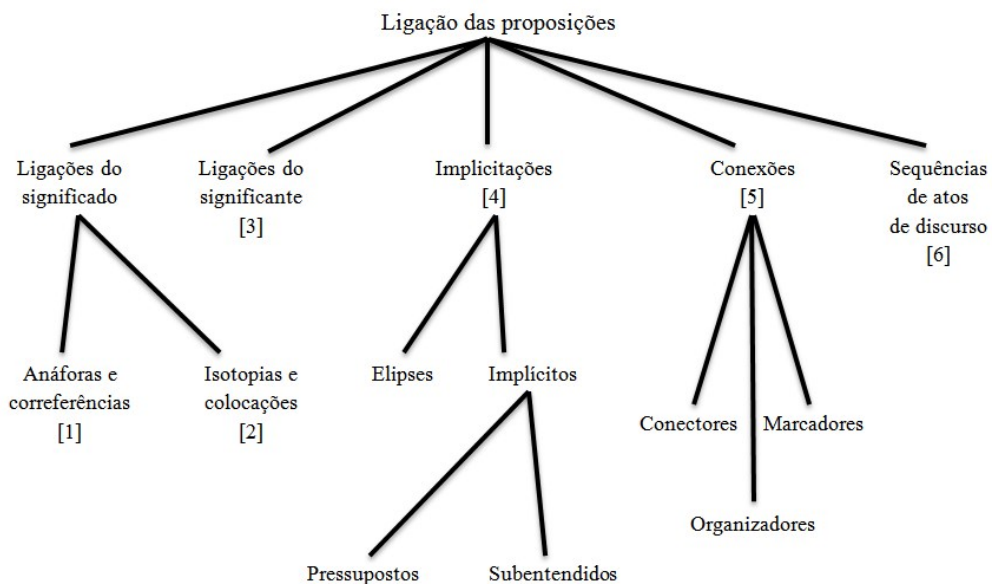
Dos níveis apresentados pelo linguista no esquema acima, interessa-nos, nesse texto, especificamente, os níveis quatro e seis. O nível quatro diz respeito à textura dos textos, isto é, aos encadeamentos que se estabelecem entre as unidades textuais de base constitutivas do texto: as proposições, as sequências e os períodos. O nível seis corresponde à dimensão semântica dos textos, que tem as noções de representação discursiva, isotopia e colocação como principais categorias de análise. Esses dois níveis entrelaçam-se de forma quase indissociável por meio de operações de ligação semântica: ao passo que asseguram a continuidade textual – elemento relacionado ao nível da textura dos textos –, essas operações também instauram a construção de representações discursivas nos textos.

2 A textura dos textos

As unidades textuais de base que constituem um texto são submetidas, basicamente, a dois tipos de operações de textualização: operações de segmentação-descontinuidade (segmentação permanente das palavras na escrita, pela marcação de parágrafos, estrofes e de subdivisões em partes de um texto escrito e amálgamas em textos orais) e operações de ligação-continuidade (construção de unidades semânticas e de processos de continuidade pelos quais se reconhece um segmento textual). Aqui, interessam-nos, especialmente, as últimas, isto é, as operações de ligação.

As operações de ligação das unidades textuais de base compreendem cinco tipos de agrupamentos das proposições-enunciados, conforme se pode observar no esquema reproduzido abaixo. De acordo com Adam ([2008]2011), essas operações têm um escopo bastante variado, de maneira que tanto unem os constituintes de proposições próximas, como também agem a longa distância, de modos prospectivo e retrospectivo, assegurando, portanto, a coesão textual. O esquema abaixo ilustra esses conjuntos de operações de ligação:

Figura 2: Esquema 13 – Operações de ligação que asseguram a continuidade textual



Fonte: Esquema a partir de Adam ([2008]2011, p.131).

Como se percebe, Adam ([2008]2011) arranja, no quadro acima, um conjunto complexo de operações de ligação responsáveis por encadear as proposições que

constituem um texto e assegurar-lhe a continuidade textual. Em razão dos objetivos da análise aqui pretendida, focalizamos, a seguir, excepcionalmente, apenas as ligações de significado – ou ligações semânticas. Não estamos, pois, querendo dizer, com esse procedimento, que as outras operações não são relevantes na construção do texto; trata-se, apenas, de uma escolha metodológica, tendo em vista, evidentemente, as intenções deste trabalho.

3 Ligações de significado

As ligações de significado – ou ligações semânticas –, conforme assinala Adam ([2008]2011), podem ser entendidas como de dois tipos: ligações semânticas 01: anáforas e correferências e ligações semânticas 02: isotopias e colocações.

Ligações semânticas 01: anáforas e correferências

A continuidade referencial é assegurada nos textos pelas retomadas de elementos introduzidos na memória (ADAM, [2008]2011). Essas retomadas são possibilitadas por certas propriedades da língua, dentre as quais se destacam: a pronominalização, a definitização, a referenciação dêitica contextual e a correferência lexical. Além disso, podem também ser acrescentadas a essas formas de retomada as recuperações pressuposicionais e as retomadas feitas por inferências.

Ligações semânticas 02: isotopias e colocações

O segundo grupo de ligações semânticas apresentado por Adam ([2008]2011) compreende, especificamente, dois tipos de ligações: isotopias e colocações. A noção de isotopia é retomada de Umberto Eco (1985, p. 131), que a define como a “constância de um percurso de sentido que um texto apresenta quando submetido a regras de coerência interpretativa”. Dessa forma, “ler um texto é identificar a(s) isotopia(s) que o percorre(m) e seguir, passo a passo, o (dis)curso dessas isotopias” (ARRIVÉ, 1976, p. 115). As colocações, por sua vez, dizem respeito a tipos comuns de agrupamentos ou de combinações de palavras em um texto.

4 Representações discursivas

A noção de representação discursiva compreende principal categoria de análise do nível semântico do texto na proposta de Adam (2011[2008]) – ainda que relativamente pouco desenvolvida. De modo geral, diz respeito à construção de imagens para um objeto de discurso a partir das escolhas lexicais mobilizadas na construção de um enunciado. Segundo Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 173), “todo texto constrói, com maior ou menor explicitação, uma representação discursiva do seu enunciador, do seu ouvinte ou leitor e dos temas ou assuntos tratados”. Essas representações são construídas linguisticamente, a partir das expressões que são utilizadas pelo enunciador para categorizar ou perspectivar o objeto de discurso de certa maneira.

Queiroz (2013) defende que a representação discursiva se constrói e é construída a partir de um enunciado mínimo proposicional, cuja estrutura pode ser composta desde um sintagma nominal e de um sintagma verbal até um grande bloco de microunidades representacionais, formado por períodos, parágrafos e sequências. Na verdade, “[...] uma representação mínima é habitualmente composta por um conjunto – uma rede – de proposições e uma rede lexical” (RODRIGUES; PASSEGGI; SILVA NETO, 2010, p. 174) que compõem o próprio texto. Assim, uma representação discursiva tanto pode ser construída de forma localizada, em uma porção específica do texto, de forma que, em um único texto é possível visualizar representação diferentes para um mesmo objeto, como pode ser construída ao longo de todo o texto, de modo que cada proposição-enunciado desse texto reforça ou auxilia na construção de uma dada representação.

As representações discursivas de um texto podem ser visualizadas e analisadas a partir de um conjunto de operações semânticas de análise: referenciação, predicação, modificação, localização, conexão e analogia. Estas operações, mesmo que inicialmente identificadas para a sequência descritiva, podem ser interpretadas como operações de construção de representações discursivas comuns a todos os tipos de sequência, porque são “semânticas, nocionais, interpretadas numa perspectiva textual. [...]”. Tratam-se de procedimentos de textualização gerais e elementares que estão na base da construção de todo texto.” (RODRIGUES *et al*, 2012, p. 301). Essas operações tanto podem ser

observadas em conjunto, tendo em vista uma compreensão mais global do texto, como podem também ser observadas separadamente – aqui neste trabalho, atentamos apenas para a operação de referenciação.

5 Continuidade textual e construção de representações discursivas

Associamos os dois níveis antes citados no modelo de Adam ([2008]2011), o nível da textura e o nível semântico, porque acreditamos que as operações semânticas de ligação das proposições de um texto, além de estabelecerem encadeamentos necessários à coesão e continuidade textual, incidem também sobre a dimensão semântica do texto, instaurando, inclusive, a construção de representações discursivas. A referenciação, por exemplo, constitui uma das operações que evidenciam essa relação: as retomadas de elementos já inseridos no texto tanto favorecem a progressão textual quanto funcionam como operação de construção de representação discursiva. É justamente esse aspecto que pretendemos observar a seguir em uma notícia do jornal potiguar *O mossoroense*, publicada no dia dezenove de junho de 1927. A notícia trata sobre o ataque frustrado do cangaceiro Lampião e seu bando à cidade de Mossoró, no interior do Estado do Rio Grande do Norte, na madrugada do dia treze daquele mesmo mês e mesmo ano.

5.1 Anáforas e correferências

A correferência “é uma relação de identidade referencial entre dois ou mais signos semanticamente interpretáveis, independentemente um do outro (à diferença de um pronome, vazio de sentido, sem o seu referente)” (ADAM, [2008]2011, p. 132). Em outros termos, um dado objeto do texto é retomado semanticamente por outro que o complementa numa ligação de identidade que não modifica o seu sentido. As anáforas correferenciais podem ocorrer de três formas distintas: repetição, elipse e substituição (nominal e pronominal).

No fragmento a seguir, retirado da notícia do jornal *O mossoroense*, é possível identificar certas relações que ilustram as ligações por anáforas e correferências, bem como outros tipos de ligações de que trataremos a seguir:

Fragmento (01):

*A nossa pena de jornalista treme, ao fazermos divulgar na presente notícia, os dias de horror, infortúnio e apreensões de que foi teatro Mossoró, por ocasião da incursão do **famigerado grupo sinistro** capitaneado pelo **mais audaz e miserável de todos os bandidos que tem infestado o Nordeste brasileiro e o pacato território do Rio Grande do Norte – Virgolino Lampião, esta majestade do crime e do terror, alma diabólica de pervertido tarado cujo rastilho de misérias vem desassombadamente espalhando em todos os recantos onde passa com o seu cortejo macabro e facinoroso.***

[...] o grupo famanaz dêsse hunos da nova espécie tentara atacar e saquear a vizinha cidade do Apodi, tendo sido obrigado a recuar em vista da resistência heróica que encontrara por parte dos habitantes da pequena cidade, e que desesperado por êste fracasso, rumara o mesmo para a povoação de São Sebastião, dêste Município, e dali viria a Mossoró com o intento de locupletar as algibeiras do sinistro chefe – Lampião, em seguida incendiando a cidade, prosseguindo, então, vitorioso, a trajetória infame do seu traçado hediondo de tôda a sorte de crimes.

Nos trechos acima, primeiramente, os objetos de discurso *Lampião* e *bando de cangaceiros* são introduzidos por meio dos referentes “o mais audaz e miserável de todos os bandidos que tem infestado o Nordeste brasileiro e o pacato território do Rio Grande do Norte” e “o famigerado grupo sinistro”, respectivamente. Logo depois, esses referentes são retomados por diversos outros termos com os quais são semanticamente complementares, isto é, mantêm relações de correferências, o que pode ser evidenciado no quadro seguinte:

Quadro 1: Referentes de Lampião e seu bando de cangaceiros

LAMPIÃO	BANDO DE CANGACEIROS
Virgolino Lampião	Cortejo macabro e facinoroso
Esta majestade do crime e do terror	O grupo famanaz dêsse hunos da nova espécie
Alma diabólica de pervertido tarado	O mesmo
O sinistro chefe – Lampião	-

Fonte: Autoral

Em cada retomada, os referentes são (re)designados, mas a identidade é mantida – na verdade, ela é reforçada. É que o acontece com a repetição, por exemplo, do referente grupo (com alteração de seus modificadores) em “o **grupo** famanaz dêsse hunos da nova espécie”, que retoma “o famigerado **grupo** sinistro” (anáfora fiel, na terminologia de Adam ([2008]2011)). A identidade do referente grupo é mantida, mas, especialmente em razão dos adjetivos modificadores, o referente é redesignado por um processo metafórico, que instaura uma analogia

entre o bando dos cangaceiros de Lampião e os membros de certas tribos nômades europeias (chamados de hunos) que migravam frequentemente de um lugar para outro devido a mudanças climáticas em busca de melhor se estabelecerem.

Além da repetição, as ligações de correferência entre os referentes e os termos que lhes retomam se dão por meio de estratégias de substituição lexical (“Lampião” – “esta majestade do crime e do terror”: anáfora demonstrativa) e de substituição pronominal (“o grupo famanaz dêsses hunos da nova espécie” – “o mesmo”: anáfora pronominal), apenas para citar alguns exemplos. Essas retomadas correferenciais são ditas anafóricas porque a interpretação de cada significante depende de outro, presente no cotexto esquerdo (anáfora propriamente dita) ou no cotexto direito (catáfora) (ADAM, [2008]2011), conforme se pode observar no exemplo a seguir:

O grupo famanaz dêsses hunos da nova espécie >> O mesmo (cotexto esquerdo).

O mais audaz e miserável de todos os bandidos que tem infestado o Nordeste brasileiro e o pacato território do Rio Grande do Norte >> Virgolino Lampião (contexto direito).

Dissemos antes, também, que as anáforas correferenciais podem ocorrer por elipse. A elipse refere-se à omissão de um termo citado anteriormente no cotexto e, portanto, subentendido no texto. Ela permite a conexão de ideias sem a necessidade de se repetir ou substituir uma palavra ou expressão, uma vez subentendidas. Em Adam ([2008]2011), a elipse compreende uma das formas de implicitação, que evita a repetição desnecessária de um referente ou mesmo de um pronome. No fragmento antes apresentado, encontramos uma elipse do referente “o grupo famanaz dêsses hunos da nova espécie”, marcada, por nós, pelo símbolo Ø:

[...] tendo sido Ø obrigado a recuar em vista da resistência heróica que encontrara por parte dos habitantes da pequena cidade.

Essas ligações de anáforas e correferências são fundamentais para a progressão textual na notícia analisada, porque possibilitam ao produtor do texto manter os referentes sempre ativos na memória do leitor, de modo a reativá-los sempre que necessário. Dessa forma, além de funcionarem como recursos

coesivos, porque estabelecem nexos entre as proposições e sequências constitutivas do texto, as anáforas desempenham também um importante papel na construção da coerência do texto, porque facilitam a manutenção do tópico abordado na notícia. Compreendem, pois, uma forma eficaz de narrar um conjunto de ações (processos verbais) executadas por determinados participantes (Lampião e seu bando de cangaceiros) de forma sequencial, tendo em vista a orientação do gênero narrativo.

Em tempo, a operação de referenciação presente nas relações anafóricas de correferencialidade também instaura a construção de representações discursivas sobre os referentes – Lampião e o seu bando de cangaceiros. Atentando especificamente para os itens lexicais utilizados para introduzir e retomar os referentes no fragmento antes apresentado, é possível observar a construção de representações discursivas de *bandido*, *alma diabólica* e *chefe* para Lampião. Para os cangaceiros de seu bando, são construídas as representações discursivas de *grupo*, *bandidos* e *cortejo*. Essas representações discursivas desfavorecem a imagem do cangaceiro Lampião e de seu bando, porque lhe atribuem características negativas ou pejorativas.

A escolha lexical mobilizada revela, portanto, o ponto de vista ou a ideologia do jornal àquela época a respeito de Lampião e seus cangaceiros. Representava, essencialmente, os interesses de comerciantes, de políticos, do próprio governo e da população mossoroense de modo geral – mesmo sendo a notícia um gênero que preza pela imparcialidade. Lampião e seus cangaceiros eram enxergados por esse público como ameaça à tranquilidade e à ordem da cidade de Mossoró.

5.2 *Isotopias e colocações*

Como visto na seção anterior, na notícia aqui analisada, são construídas representações discursivas que desqualificam Lampião e seu bando de cangaceiros, atribuindo-lhes uma imagem negativa perante a sociedade. É essa mesma orientação que apresenta todo texto ao longo de sua continuidade. A isotopia que orienta sua construção é direcionada a partir de uma cadeia semântica formada por itens lexicais (que nominam os referentes) e verbais (que designam as ações dos referentes) que instauram e reforçam as representações construídas.

A expressão nominal caracterizadora de tempo, por exemplo, que introduz a notícia em análise, denota, já de início, a orientação argumentativa que guiará todo o texto:

[...] os dias de horror, infortúnio e apreensões de que foi teatro Mossoró.

Importante notar, nesse fragmento, além dos adjetivos que favorecem a construção de uma cenografia negativa para a narrativa, funcionando como que uma espécie de prenúncio para a narração dos fatos “macabros” a serem contados, a forma passiva de emprego do locativo espacial *Mossoró*. Esse emprego coloca Mossoró, metonimicamente, na função de paciente dos processos verbais mobilizados, tais como “saquear” e “atacar”. Enquanto isso, os referentes de Lampião e de seu bando de cangaceiros são colocados como agentes desses processos, o que reforça a construção das representações discursivas já apontadas.

A orientação argumentativa apresentada já no início do texto desenvolve-se a partir do emprego de expressões nominais com função anafórica (já expostas antes), da seleção de processos verbais (a maioria, verbos de ação), de figuras de linguagem (metáfora e metonímia), dentre outros recursos linguístico-estilísticos. Esses recursos definem a constância de um percurso semântico para a notícia analisada, o que favorece a sua coerência e, portanto, a progressão do texto. Compreendem, pois, um plano de significação, uma isotopia que organiza o texto, assegurando-lhe unidade semântica.

No que diz respeito às colocações, isto é, aos agrupamentos ou às combinações de palavras que são mobilizadas em um texto como recurso para progressão textual e, na defesa que aqui fazemos, como recurso que instaura a construção de representações discursivas, é interessante atentar para a escolha lexical na notícia analisada e para o modo como os lexemas são associados ou codificados. Esse fenômeno pode ser observado no trecho a seguir, quando podemos atentar para o modo como o autor da notícia codifica e combina um conjunto de palavras, tendo em vista a construção de um efeito de sentido sobre Lampião e seu bando de cangaceiros:

*[...] esta **majestade do crime e do terror, alma diabólica** de perverso tarado cujo **rastilho de misérias** vem **desassombradamente** espalhando em todos os recantos onde passa com o seu **cortejo macabro e facinoroso**.*

É possível estabelecer, entre os termos em destaque, uma rede de relações semânticas. Interessa observar, especialmente, como os substantivos e os adjetivos dos eixos nominais grifados estão em colocação: *majestade*, *alma* e *cortejo* partilham de uma mesma representação discursiva para Lampião e seu bando de cangaceiros, reforçado pelo emprego, em colocação, dos adjetivos e locuções adjetivas *do crime e do terror*, *diabólica*, *macabro* e *facinoroso*. Essas colocações, bastante variadas ao longo da notícia, são próprias do texto e balizam a progressão textual, seguindo, portanto, a própria progressão da narrativa da notícia.

Considerações finais

Demonstramos, nas considerações realizadas ao longo deste trabalho, que as ligações de significado (ligações semânticas) apresentadas por Adam ([2008]2011) e aqui exemplificadas, quais sejam, anáforas e correferências e isotopias e colocações, funcionam como operações que asseguram a unidade e a progressão (continuidade) textual e instauram a construção de representações discursivas no texto. São, pois, ligações fundamentais para que o texto possa apresentar coerência e coesão e, portanto, atinja os seus objetivos pretendidos.

Claro que, no texto em análise, assim como em qualquer outro texto, essas ligações não funcionam isoladamente, como se, por si só, dessem conta de assegurar ao texto sua textualidade. Para além disso, essas ligações semânticas funcionam num complexo de outras ligações e de operações linguísticas, discursivas, semânticas e pragmáticas que possibilitam a produção e o funcionamento dos textos. O fato de termos observado, aqui, apenas as ligações semânticas no texto compreendeu, pois, uma escolha metodológica, tendo em vista o objetivo pretendido nesse trabalho.

Referências

ADAM, Jean-Michel. *Le textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

_____. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, [2008]2011.

ARRIVÉ, Michel. *Lire Jarry*. Bruxelas: Complexe, 1976.

PASSEGGI, Luis; RODRIGUES, Maria das Graças Soares; SILVA NETO, João Gomes (orgs.). *Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010.

QUEIROZ, Maria Eliete de. Representações discursivas no discurso político. —Não me fiz sigla e legenda por acaso: o discurso de renúncia do senador Antonio Carlos Magalhães (30/05/2001). **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013 (UFRN/PPgEL).

RODRIGUES, Maria das Graças Soares *et all*. A Carta-Testamento de Getúlio Vargas (1882-1954): genericidade e organização textual no discurso político. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 14, p. 282-304, 2012.